

Sempre lhe tratei com deferência e um certo peso de consciência.

- Como duvidar de um expatriado? Maltrapilho! Além do mais, é bom aluno, conhece, fala e escreve várias línguas. Ou será o efeito de nosso subdesenvolvimento crônico?

Certo dia fui alertado. Apareceu-me o Moacir, que disse:

- Roberto, ele é meu colega de turma. Conheço-o bem. Pedante!

Badalador! Muito entendido de música clássica. Sempre está a brincar com os professores. E... Tem mais... É um severo crítico do Centro Acadêmico. Diz que isto aqui é um refúgio de comunistas! Teme, ele próprio sofrer um atentado! Tem os trajes em franjinhos. Mas possui a melhor biblioteca médica e a melhor discoteca da cidade. É um esnobe! Cuidado!

- Fico perturbado ainda mais com o que você me diz. Será ele um bom ou mau caráter? Então, fala mal de nós? E, não fala da bolsa de manutenção que a USP fornece-lhe, que provavelmente nunca irá fazer reciprocidade (verdade cristalina – tenho até hoje guardada a lista dos 8 mais necessitados da Faculdade – riquíssimos médicos tempos depois da formatura e que nada retribuíram em troca).

- Bem Moacir, eu divido muitas de suas opiniões. O “cara” é estranho mesmo. Resta também saber por que ele viaja todo fim de semana para São Paulo. Qual seria a finalidade? Vamos aguardar... Aguardar...

O fim do ano chegara. O “Esteto”, pela primeira vez fora enviado pelo

correio com votos de Feliz Ano Novo. O dele retornara. O serviço postal variava no envelope – destinatário não encontrado.

Novamente estranhei e meditei comigo. Devolveu o jornal, ou tem outro endereço? O senhor T.K. (iniciais do próprio) continuava estranho.

O aguaceiro que caía em finais de anos não poupou o início de 61. Choveu como Deus queria. O Moacir passava férias numa fazenda em Batatais. Com a chuva caindo lá fora, ele deitado na rede, lia tudo existente na casa em que era hóspede. Cai-lhe nas mãos um “Diário Oficial”. Passa a lê-lo, vendo se a chuva amainava. E, estarecido, depara com um edital – “aumento de capital da firma X, presidida pelo Sr. T.K. (e vinha as suas qualificações). Com a presença dos sócios houve aumento de capital”. Seguiam-se as adesões e as vultosas somas para o aumento. Ao voltar de férias, encontro-me com o colega e o “Diário Oficial”, debaixo de seu braço. Mostrou-me tudo.

- E agora, acredita? Que vai fazer? E, falara Moacir faiscando de ódio, gozo e principalmente de vingança... Muita vingança...

- Moacir, eu vou a São Paulo na próxima semana tratar da Revista e levo o caso à U.E.E., que tem condições de averiguação criminal, jurídica, sei lá eu...

Pela U.E.E., foi contratado um detetive particular. Em quinze dias, fez por escrito, extenso relatório. Nosso expatriado era riquíssimo, dono de fábricas e imóveis. Estudava Medicina por diletantismo. Interrompera o curso por

pressão do Governo Socialista que ele hostilizava e pelos acontecimentos da “primavera de Praga”, quando fora ativista anticomunista.

Ao chegar em Ribeirão, T.K., recebeu aviso de reunião especial com ele e a Diretoria do Centro. Compareceu em andrajos. Ouviu o relatório e enrubesceu. Ficou gago e depois afônico.

A carteira do Centro foi-lhe tomada. Alguém quis rasgá-la. Eu mesmo impedi que tal fato ocorresse. Alguémalaria:

- A USP deve ser notificada. Espero ao menos que perca a bolsa. Ao Centro Acadêmico ele já não mais pertence... Quero saber o que falará o Diretor?

Como sempre nada falou. Percebeu a encrenca em que entrara.

- Estava fora do meu domínio, murmurava. Não creio que a USP o irá expulsar. Há grandes interesses nos intercâmbios.

- Sabemos! “Interesses políticos”. “Interesses culturais”. “Interesses econômicos”...

O extraditado terminou o curso na F.M.R.P. É hoje famoso anestesista nos EUA e é badalado por brasileiros, sabedores ou não do seu passado.

Só nos restaria como consolo, o fato de que “houve um trote de cabeça raspada, o andar de alpargatas por um mês e uma rejeição temporária dos colegas subdesenvolvidos”...

*Dr. Graciliano Pontes
é radiologista*